

*UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES PARAÍSO
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PARAÍSO*

**ANÁLISE DO PRECONCEITO NO FUTEBOL
FEMININO NO MUNICÍPIO DE ITAMOGI-MG**

AUTORA: SONIA WASCONCELLOS

ORIENTADORA: FABIOLA DANTAS A. N. ARANTES DE
CARVALHO

São Sebastião do Paraíso

2009

ANÁLISE DO PRECONCEITO NO FUTEBOL FEMININO NO MUNICÍPIO DE ITAMOGI-MG

SÔNIA WASCONCELLOS

Monografia apresentada ao ISEP – Instituto Superior de Educação Paraíso, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fabíola Dantas Andréz Nobre Arantes de Carvalho

São Sebastião do Paraíso - MG

2009

ANÁLISE DO PRECONCEITO NO FUTEBOL FEMININO NO MUNICÍPIO DE ITAMOGI-MG.

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível. A toda minha família em especial a minha Mãe e meu Pai pelo esforço, dedicação e compreensão em todos os momentos desta caminhada e de outras.

Aos meus amigos (as) por toda paciência e todo carinho, sempre me apoiaram e ajudaram.

Que não lhes falte saúde, esperança, alegria e muita paz. Quero lhes agradecer por tudo de bom que colocaram na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar realizando este trabalho.

A minha família, pelo incentivo e colaboração principalmente no momento de dificuldade.

A minha orientadora Fabíola Dantas Andréz Nobre Arantes de Carvalho por estar disposta a me ajudar pela paciência e sempre me motivando a continuar caminhando e pela grande amiga que tem sido.

Aos professores que sempre estiveram nessa caminhada e enriqueceram meus conhecimentos.

Enfim, a todos que de alguma forma tornaram este caminho mais fácil de ser percorrido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO	10
O início do futebol feminino no Brasil	11
O futebol feminino na atualidade	13
PRECONCEITO	16
Os mecanismos do preconceito	17
Diferentes tipos de preconceito	18
Preconceito racial ou racismo	18
Preconceito quanto à classe social	19
Preconceito sexual	19
Preconceito religioso	20
PRECONCEITO NO FUTEBOL FEMININO	21
Percepção do corpo da mulher que joga futebol	26
METODOLOGIA	28
Participantes	28
Instrumento	28
Local	28
Coleta de dados	28
Análise dos dados	29
RESULTADOS	30
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXO	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIFA- Federação Internacional de Futebol

CND- Conselho Nacional de Desportos

CONCACAF- Confederação de Futebol da America do Norte, Central e Caribe

RESUMO

O que impede a prática do futebol feminino a se expandir no mundo e no Brasil, refere-se aos discursos maldosos, preconceituosos, muitas vezes machistas que predominaram no último século, para manter as mulheres afastadas desta prática, usaram argumentos de aspectos corporais, culturais e psicológicos. O presente estudo teve como objetivo analisar a situação do futebol feminino dentro do município de Itamogi-MG, procurando identificar quais são os problemas e preconceitos enfrentados para a aceitação deste desporto. Os dados foram coletados a partir de um questionário com vinte mulheres do município de Itamogi-MG. Os resultados apontam que das vinte atletas entrevistadas, dezenove atletas jogam porque gostam, uma atleta por influência familiar, contudo continuam superando barreiras familiares. Nove das atletas revelaram que a família é contra a prática por preconceito, pois acreditam ser um desporto unicamente masculino, ou por acharem que não existe futuro. Onze atletas não tinham problemas com a família e recebiam incentivos do pai (3), mãe (5), irmão (1), amigos (6) e familiares (5). Com relação ao tipo de preconceito identificou racismo (2), social (7), homossexualismo (8) e religioso (1). Conclui-se que o futebol feminino no município de Itamogi-MG, ainda se encontram pessoas nas quais discriminam atletas que jogam futebol, por preconceito. Mas julgo verdade que esse índice a cada dia que passa vem diminuindo pois as pessoas aprenderam a respeitar este desporto e olharem como um esporte também feminino.

Palavras-chave: Preconceito, futebol feminino.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo retrata o início do futebol feminino no Brasil e no mundo, seu reconhecimento na sociedade e no mundo esportivo, além da luta contra o preconceito que com o passar do tempo vem diminuindo.

O futebol feminino se inicia em Londres (1898), numa partida entre INGLATERRA e ESCÓCIA. No Brasil se inicia em São Paulo numa partida entre os times das SENHORITAS CATARINENSES e TREMEMBENSE.

O futebol desde sua origem era visto como desporto masculino, e mulheres eram vistas somente como dona do lar, não se aceitava a ideia de mulher jogar futebol. A partir deste pré conceito, surgem os preconceitos com as jogadoras que insistiram em jogar futebol, que sofrem preconceitos de vários tipos, como: racial, sexual, entre outros. A complexidade real dos preconceitos é uma das grandes dificuldades que o ser humano enfrenta para entender como respeitar e amar o próximo de forma objetiva e sensata. É com este intuito que este trabalho vem deixar uma mensagem positiva para o futebol feminino, que merece seu reconhecimento perante a sociedade como um e qualquer desporto.

O estudo pretende, no cenário do futebol feminino, analisar se as atletas de um grupo de 20 mulheres no município de Itamogi-MG, pretende analisar preconceitos relacionados à prática do futebol feminino e classificá-los.

2. A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO

Acredita-se que o primeiro envolvimento das mulheres com o futebol, foi no século XII.

As mulheres francesas começaram a participar do “Futebol do Povo” ou “JOGOS da Multidão” da época. As mulheres camponesas lutavam por uma bola de couro com fitas num jogo chamado LA SOUL.

Em Coulevam na Escócia, em 1746, o príncipe Charles Edward foi derrotado pelo exército inglês, as mulheres casadas e solteiras da região jogavam umas contra as outras numa forma primitiva de futebol no século XVIII. Mas em 1863 as regras desse jogo foram padronizadas, tornando a violência ilegal e foi este passo surpreendentemente associado ao advento da bicicleta, que impulsionou para frente o envolvimento feminino no jogo. Foi a bicicleta que originou assim o chamado “Movimento do Vestuário Racional”. No mundo inteiro as mulheres começaram a vestir roupas menos restritivas, o que lhes permitiam um envolvimento maior nos esportes.

A Net Rolibol, de Londres, é considerada fundadora da primeira equipe feminina de futebol no Mundo, em 1894.

Em 1895, dez mil pessoas assistiram a partida de inauguração da equipe “Senhoras Britânicas”.

No Canadá, o Society Angels, de Edmont começa a jogar. O futebol também despertou interesse entre as mulheres francesas, e em 1910, já haviam sido criadas equipes como o Rouge Esportive e Feminina Esportes de Paris, na primeira partida entre seleções. E no mesmo ano em Bountson Park, sede do Everton Football Club, 53 mil pessoas compareceram para assistir a partida do Dick Kerr Ladies F.C, em benefício de obras de caridade, mais de 10 mil pessoas ficaram do lado de fora sem conseguir assistir o jogo.

O futebol feminino estava desabrochando, histórias em quadrinhos apareciam nas revistas de futebol, as principais personagens eram mulheres.

A equipe Dick Kerr Ladies angariou mais de 70 mil libras para obras de caridade. Em dezembro de 1922, a Associação Inglesa de Futebol, exclusivamente masculina, mudou a fisionomia do futebol feminino proibindo todos seus clubes de permitir que equipes femininas utilizassem seus campos. Surpreendentemente a proibição permaneceu vigente por 50 anos.

A Federação Francesa também seguiu o caminho dos ingleses, anos depois. No entanto, as equipes femininas continuavam jogando, angariando fundos para caridade onde pudessem, mas mesmo assim o futebol feminino teve um rápido declínio.

Foi somente em 1950 que o interesse pelo futebol feminino ressuscitou, começando a se desenvolver na Alemanha, na Dinamarca, Tchecoslováquia e Itália. As meninas começaram a jogar futebol na escola e o nível de habilidade desenvolveu-se rapidamente.

Em 1971, uma Copa do Mundo de Futebol Feminino não oficial (sem o reconhecimento da FIFA), somente em 1988, um evento com o apoio da FIFA, foi realizado na China, o I Torneio Mundial de Futebol feminino com a participação de 12 países, inclusive o Brasil. Este evento serviu como preparatório para o I Campeonato Mundial de Futebol Feminino realizado na cidade de Pnyu na China em 1991. O I Torneio Mundial de Futebol Feminino foi realizado na China (FERNANDES, 2009)

2.1 O início do futebol feminino no Brasil

Dentre as poucas referências encontradas em relação à historiografia futebolística, pode-se destacar duas rápidas passagens, separadas por uma diferença de quase meio século. A primeira aconteceu em 1950, na pioneira *História do Futebol no Brasil*, obra do jornalista Thomaz Mazzoni, e é taxativa: ao mencionar o primeiro confronto entre paulistas e cariocas no Pacaembu, disputado por São Paulo F. C. e América F. C. em 1940, o autor diz que “nesse jogo, como preliminar”, foi lançado o futebol feminino, cujo interesse se limitou a esse único jogo (FRANZINI, 2005).

Na década de 1990, o historiador José Sebastião Witter afirma, em nota de rodapé ao texto de sua *Breve História do Futebol Brasileiro*, que “no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani,

América e outros" (MAZZONI APUD FRANZINI, 2005), vigente até 1975, que proibia a prática do futebol para as mulheres.

Apesar da influência significativa que o futebol tem na cultura brasileira, a figura da mulher se apresenta de forma tímida e oprimida, como comprova o Decreto-Lei 3.199 de 1941, artigo 54 "às mulheres não se permitirá a pratica de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

Ao estudar a história do esporte, verifica-se que este tem sido apontado e tratado como um espaço predominantemente masculino, contudo a mulher lutou e provou o inverso.

A discriminação sofrida pela mulher aparece, portanto, ao mesmo tempo refletida e acentuada pela desproporção entre a importância atribuída a um e a outro sexo dentro da nossa dramaturgia infantil. (Pupo, 1991, p.117)

O interesse feminino pela prática do esporte começou a se intensificar justamente em um momento de transição do período higienista para o eugenista, em que houve uma preocupação intensa em permitir que mulher praticasse atividades físicas. Neste momento foi admitido e recomendado alguns esportes como o vôlei, a natação e o atletismo, entre outros, desde que não houvesse contato físico e apresentassem condições "higiênicas". (SUGIMOTO, 2003).

Os jornais da época que até apoiavam o jogo feminino começaram a ceder às posições dos médicos que condenavam a prática do futebol por mulheres argumentando que tal esporte prejudicava os órgãos de reprodução, afirmando que era grande a possibilidade de trauma causado pela bolada ou trombada e esquecendo-se que os homens também têm órgãos reprodutores que também devem ser protegidos dos impactos (CAPRARO E CHAVES, 2007).

O processo de "legalizar" o futebol feminino, no Brasil, seguiu um curso diferente dos demais países, contudo não deixou de representar uma longa e significativa história, ao contrário do que a lacuna historiográfica parece indicar. Considerando, além da prática do esporte em si, mas também as manifestações a ela associadas, verifica-se que tal história acompanha o desenvolvimento do futebol no país desde seus primeiros anos, quando as filhas da elite tomavam parte na

assistência para ver o desempenho de seus pares dentro das quatro linhas (FRANZINI, 2005).

À medida que o futebol se popularizava as mulheres já se levantavam de seus lugares na assistência para adentrar os gramados. Em 1940, a edição de abril da revista Educação Física informava a realização de uma "interessante partida de futebol entre senhoritas" no Rio de Janeiro, que "constituiu um espetáculo de grande sucesso, causando assim sensação em nosso mundo desportivo" (Revista de Esportes e Saúde, 1940). O jornal paulistano Folha da Manhã reconhecia a existência de dez equipes de senhoritas futebolistas "em franca e regular atividade" na capital federal (FOLHA DA MANHÃ, APUD FRANZINI, 2005).

2.2 O futebol feminino na atualidade

Hoje em dia não é possível afirmar que as dificuldades daquela época foram vencidas, considerando que a sociedade ainda discrimina a mulher que mostra interesse na prática do futebol (BRUHNS, 2000).

Segundo Daólio (1997) a sociedade em geral age dessa forma quando uma criança nasce e esta é condiciona desde cedo e de acordo com a configuração de seus órgãos sexuais, ter certas preferências. Como por exemplo, se for meninos ganham carrinhos, armas e bonecos de super-heróis, enquanto meninas ganham bonecas e miniaturas de eletrodomésticos e utensílios. Esta idéia comprova que a cultura exerce influência tremenda na discussão, visto que existem fatores na atualidade provenientes dessa cultura. Como o fato de meninos terem, em sua maioria, um desempenho motor muito melhor comparando os gêneros no esporte (DAOLIO, 1997). Isso se dá pelo menino sair para brincar na rua, correr, soltar pipa, jogar bola, andar de carrinho de rolimã entre outros desde pequeno para não atrapalhar a mãe em casa.

Em contrapartida as meninas devem ficar em casa, a fim de ser preservadas das brincadeiras de menino e ajudar as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães, o que deixa um ar de delicadeza em torno da menina. Ar que é quebrado quando ela tenta "invadir" um

espaço masculino, de acordo com a maior parte da sociedade (PIORKOWSKY, 2005).

A mulher no esporte em geral, é lembrada não por seu desempenho ou conquista, mas pela sua beleza e sexualidade frente ao que a mídia retrata, "o jogo bonito de se ver" não está relacionado aos jogos em si, nem ao aspecto estético das belas jogadas, mas às pernas das jogadoras, às "saias e bermudas", associado a imagem veiculada que confunde a estética do jogo com a estética do corpo (BRUHNS, 2000).

A profissionalização da mulher no futebol, no Brasil é acentuadamente difícil, pois não há uma entidade forte que organize o futebol feminino não há investimento público nem privado (SUGIMOTO, 2003). Enquanto não há um reconhecimento por parte da sociedade, algumas mulheres vão lutando pelo reconhecimento perante a sociedade.

Com os campeonatos acontecendo às mulheres vem conseguindo cada vez mais seu espaço no futebol, e que mesmo vítimas de muito preconceito, continuam firmes na luta pelo seu próprio reconhecimento no esporte.

Hoje as mulheres representam cerca de 10% dos futebolistas no mundo, totalizando 26 milhões. No Brasil, já são 80.000 mulheres (CABRAL, 2009).

Apesar de na atualidade as mulheres brasileiras terem conseguido grande destaque nos acontecimentos esportivos, ainda é inferior o número das esportistas que participam de torneios importantes. Mesmo assim esses números devem ser apreciados, uma vez que hoje as mulheres têm mais liberdade para praticarem as mais diversas modalidades esportivas, apresentando resultados significativos (VENTURAT E HIROTA, 2007).

Por muito tempo, a questão do gênero tem sido usada para impedir a participação feminina nos esportes. Disfarçando o preconceito, um discurso de que é uma forma de preservar a feminilidade. A mídia também tem um pouco de culpa na situação atual, uma vez que não tem dado importância à atleta feminina tanto quanto ao masculino, e quando abre uma exceção, acaba enfocando a beleza da mulher, o "corpo", a questão da sexualidade, e não o esporte em si.

De acordo com Fraser (2000), enquanto a mentalidade da sociedade não mudar, as mulheres sempre terão dificuldade em conquistar seu espaço. "Não é a identidade feminina que requer reconhecimento, mas sim a condição das mulheres como parceiras plenas na interação social".

De acordo com Faria Jr, (1995), talvez um dos motivos para o atraso da prática do futebol pela mulher tenha sido devido a pouca participação e oportunidades oferecidas a elas, com uma Educação Física injusta, burguesa, branca e machista.

Com certeza o principal empecilho para a prática do futebol feminino refere-se à fala preconceituosa e estereotipada transmitido ao longo do último século quanto a esta prática (*SOUZA E DARIDO, 2002*)



Figura 1: Foto que antecede o início das competições.

Fonte: próprio autor.

Na figura 1 mostra o grupo de atletas do município de Itamogi-MG-2008

3. PRECONCEITO

Classicamente, o preconceito tem sido estudado como uma característica psicológica do indivíduo: uma frustração reprimida e deslocada para grupos mais fracos (Hovland & Sears, 1940); o desenvolvimento de um tipo de personalidade autoritária (Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson & Sanford, 1950); a pouca disposição à abertura mental (Rokeach, 1960); a falta de contatos com membros de grupos minoritários (Allport, 1954). Posteriormente, esta perspectiva individualizante foi retomada pelos teóricos da cognição social (Fiske & Taylor, 1991; Markus e Zajonc, 1985), os quais estudaram o preconceito como um erro no processamento das informações (Hamilton, 1979; Hewstone, 1990; Pettigrew, 1979; Ross, 1977; Schaller, 1991). Apesar das diferenças entre elas, todas estas teorias enfatizam a origem psicológica e individual do preconceito (MARTÍNEZ, 1996).

Defini-se preconceito como uma indisposição, um julgamento prévio negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. Segundo (FERREIRA, 2000), preconceito é uma idéia pré-concebida ou mais precisamente, a suspeita, a intolerância e a aversão a outras raças, religiões ou credos.

No mundo de hoje o preconceito está em evidencia especificamente no futebol feminino que é o tema abordado, neste estudo. Na sociedade o preconceito destrói sonhos, carreiras promissoras, satisfações em realizar situações prazerosas, por conta do medo, insegurança.

Segundo Leon (2006), “preconceito é uma das formas de manifestação desse tipo de personalidade, já que a sociedade continua hierárquica”.

A definição de preconceito nos obriga a refletir sobre nós mesmos, sobre os nossos sentimentos, pensamentos, e atos do cotidiano.

A mulher sempre encontrou dificuldade para sua participação no futebol. Há muitas dificuldades, principalmente com relação ao preconceito, que força a mulher a usar caminhos alternativos para se envolver nesta prática esportiva. A sociedade também é responsável pela luta e reconhecimento da mulher em relação à participação feminina em diferentes aspectos.

3.1 Os mecanismos do preconceito

Há outros autores que consideram que toda forma de conhecimento do outro pode ser preconceituosa, o que significa que há uma inferência e que, portanto, o preconceito como forma de relacionamento social baseado em forma de violência não existiria. De fato, se toda a apropriação da diferença é preconceituosa, não existiriam fundamentos 'das' e 'nas' relações sociais.

O preconceito é visto como uma forma de construção do outro, de uma alteridade a partir da própria neutralização desse outro. Assim outorgar significa ao outro é um processo que se dá devido à eliminação da resistência que esse outro pode representar a operar. (TAUSSIG,1999).

3.2 Diferentes tipos de preconceito (RACIAL, SOCIAL, SEXUAL, RELIGIOSO).

3.2.1 Preconceito racial ou racismo

Sistema que afirma a superioridade de um grupo racial relativamente aos outros, preconizando, em particular, o isolamento destes no interior de um país (segregação racial) ou até visando ao extermínio de uma minoria (racismo anti-semita dos nazistas). (FERREIRA,2007).

Preconceito à outra cor é denominado de racismo e existe principalmente em relação a negros. No Brasil, este surgiu com a escravidão e continua presente até hoje, mesmo a escravidão tendo sido abolida em 1888. Há também o racismo contra brancos, amarelos, vermelhos, pardos além de preconceito contra loiras (FERREIRA,2007).



Figura 2: atleta do município de Itamogi-MG
Fonte: própria autora.

Na Figura 2: mostra a atletas do município de Itamogi-MG.

3.2.2 Preconceito quanto à classe social

É uma forma de preconceito a determinadas classes sociais. É uma atitude ou idéia formada antecipadamente e sem qualquer fundamento razoável; o preconceito

é um juízo desfavorável em relação a vários objetos sociais, que podem ser pessoas, culturas (FERREIRA,2007).

Ricos discriminam pessoas de baixa classe social, com famosas frases do tipo: " Isso é coisa de pobre..", ou vice-versa.

Para Leon (2006),

“desde 1995 houve um fortalecimento da luta de diversas minorias a favor de seus direitos, a sociedade discute a necessidade dos direitos serem iguais para todos e tenta estabelecer organismos para tornar possível o que se tem dominado inclusão sociais”.



Figura 3: time formado por diferentes classes sociais

Fonte: própria autora.

Na figura 3 observa-se o grupo de atletas do município de Itamogi-MG, formado por diferentes classes sociais.

3.2.3 Preconceito sexual

Homossexuais e bissexuais são muito agredidos moralmente e até fisicamente só por não serem "iguais" pela sua orientação sexual

Foi só a partir do século XIX que a medicina definiu a homossexualidade como uma doença fisiológica causada por distúrbios genéticos ou biológicos. No início do século XX, apesar das atitudes vitorianas prevalecentes na época, a psicanálise introduziu a visão psicológica da homossexualidade, visão esta que é menos moralista (Freud, 1935/1951), embora considere a homossexualidade como um distúrbio no desenvolvimento da sexualidade (Freud, 1905/1972) e, portanto, anormal. Mas deve-se ter em conta que estas novas concepções não substituem as

antigas, mas, em algumas circunstâncias, reforçam as concepções tradicionais mais moralistas BULLOUGH,(1974).

3.2.4 Preconceito religioso

Segundo (Ferreira 2007) o preconceito religioso é uma das formas mais antigas do preconceito existente, teve inicio antes do nascimento de Jesus Cristo a dois mil anos atrás, as primeiras tribos teve a discriminação das pessoas em relação as suas crenças.

O maior exemplo deste preconceito são os conflitos no Oriente Médio, luta entre judeus e islâmicos.

4. PRECONCEITO NO FUTEBOL FEMININO.

A participação feminina no esporte sempre foi alvo de muitas controvérsias. Há algumas décadas, as mulheres eram proibidas de participar de qualquer atividade esportiva, sob diversas alegações, desde sua fragilidade física, passando pela sua condição materna, e até mesmo pelo fato da arena esportiva fortalecer o espírito do guerreiro masculino, sendo apontado como o único local que a supremacia masculina seria incontestável. (HULT,1994).

A mulher conquistando seu espaço na área esportiva, principalmente no futebol feminino, (FARIA Jr, 1995),

O preconceito é a principal causa de estresse emocional entre atletas de futebol feminino.

Segundo BALLARINY (apud por Faria Jr, 1995), o futebol é um esporte violento e prejudicial ao organismo e não habituado a grandes esforços, provocam congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para as mulheres. O mesmo autor ressalta que a prática do futebol feminino proporciona um antiestético e desproporcional ao desenvolvimento dos membros inferiores.

Para ARENA (apud por Faria Jr,1995) o futebol feminino desenvolve qualidades não visadas na mulher ou desnecessárias e desgraciosas a elas. Segundo o Jornal O Dia (apud por SALLES e.t.al., 1996), a jogadora Pretinha membro da seleção brasileira de futebol feminino, relata que sua mãe a proibia de jogar futebol, mais com insistência sua e de suas amigas, a mesma permitiu que jogasse. Antes de se consagrar uma grande desportista, Pretinha recebeu muitos “puxões de orelha”, e sua mãe comenta que seu acesso no futebol se deu por sua semelhança a um menino, uma vez que descobriram que se tratava de uma menina quando ela suava e apareciam seus seios.

Contudo o futebol feminino vem crescendo a cada dia e com ele tem se diminuído os preconceitos, racial, social, sexual, religioso e contra as mulheres para a promoção deste desporto tão brilhante como os outros.

Em 1995, na final da segunda Copa do mundo de futebol feminino na Suécia, o Secretario - Geral da FIFA, Joseph Blatter, lançou-se a uma profecia ao afirmar que “o futuro do futebol é feminino. Estamos convencidos de que por volta de 2010 o futebol feminino será tão importante quanto o masculino”.

No Brasil, a presença feminina dentro dos campos de futebol ainda busca a sua afirmação. Mesmo as mais recentes tentativas oficiais de incentivo ao futebol feminino no Brasil escorregam no machismo, características da cultura brasileira, como foi o caso do Campeonato Paulista Feminino em 2001.

O “futebol de moças” no Brasil não foi tão reconhecido quanto na Europa entre o final da década de 1910 e início dos anos 20. Na Inglaterra, o futebol feminino atingiu grande popularidade durante a Primeira Guerra Mundial, quando os homens viram-se obrigados a trocar os campos de jogos pelos de batalhas. As mulheres forçadas pela necessidade de sobrevivência assumiram funções predominantemente masculinas, as mulheres acabaram também por formar equipes e promover jogos beneficentes para levantar fundos para os soldados no front.

Na França, as futebolistas procuraram não entrar em confronto com os homens e criaram regras particulares para o ‘seu’ jogo, o que lhe garantiu fôlego até por volta de 1926, porém não conseguiram evitar o mesmo destino suas colegas inglesas.

À medida que o futebol se popularizava, a aristocracia deixava os estádios, levando consigo suas filhas e em muitos casos, também os filhos. Mudaram os jogadores, que passaram a entrar em campo pelo talento que tinham e não ao sobrenome. Mudou também o público que frequentava os campos de futebol, nem por isso as mulheres deixaram de acompanhar o futebol, como mostra a presença das jovens Miquelina e Iolanda nas arquibancadas do Parque Antarctica, assistindo a volta do Corinthians sobre o Palestra no conto de Antonio de Alcântara Machado.

Em 1940, a edição de abril da revista Educação Física informou a realização de uma “interessante partida de futebol entre senhoritas” no Rio de Janeiro, que “constituiu um espetáculo de grande sucesso, causando assim uma sensação em nosso mundo desportivo” Àquela altura, matéria do jornal paulistano folha da Manhã (1940) reconhecia a existência de dez equipes de senhoritas futebolistas “em franca e regular atividade” na capital federal.

A Folha da Manhã (1940), dava-se destaque a “um movimento sério, respeitável mesmo para a formação e criação de mais um ramo de atividade para mulheres”. Porém, alguns zelosos desportistas recebiam com estranheza as notícias que chegavam dos subúrbios cariocas. Tanta estranheza que um deles, José Fuzeira, não relutou em escrever ao Presidente Getulio Vargas para “solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está

prestes a desabar em cima da juventude feminina no Brasil”, e explicava o trecho da carta:

“Refiro-me, Sr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem levar em conta que a mulher não poderá participar desse esporte violento sem afetar seriamente o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido a natureza que a dispôs a ser mãe...”

Da Presidência da República, a carta foi encaminhada a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, que, por sua vez, a repassou à sua Subdivisão de Medicina Especializada, onde recebeu não só o parecer favorável da “voz da ciência” como o seu apoio na cruzada contra as mulheres futebolísticas: Efetivamente, o movimento que se esboçou nesta Capital para a formação de vários quadros femininos de futebol”.

Quase ao mesmo tempo, o jornal A Gazeta Esportiva (1940) publicava a “opinião autorizada” do doutor Leite de Castro, “o primeiro médico do Brasil que se dedicou especialmente a medicina esportiva. O doutor dizia que

“não é no futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios: alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras conseqüências de ordem traumática”

Além do machismo e do moralismo que essas preocupações com o bem estar das brasileiras não conseguem esconder revelam também um grande problema dizia respeito não somente ao futebol em si, mas a subversão de papéis promovida pelas jovens que praticavam o esporte, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem o espaço dos homens o jornal A Gazeta Esportiva (1940).

De acordo com esta visão machista, à mulher caberia, entre outras obrigações, contribuir de forma decisiva com o fortalecimento da nação, da raça gerando filhos saudáveis, algo que, pensava-se, só seria alcançado se a mulher preservasse sua própria saúde. Se esta condição não excluía a pratica de esportes, é certo que nem todos os esportes a ela adequavam.

O futebol feminino, portanto só poderia mesmo representar um “desvio de conduta” inadmissível aos olhos do estado e da sociedade brasileira do período, pois abria possibilidade outras além daquelas consagradas pelos estereótipos da “rainha do lar”, que incentiva a “boa mãe” e a “boa esposa” (de preferência seguindo os padrões hollywoodianos de beleza), principalmente, restrita ao espaço doméstico (LENHARO,1986).

A “interferência dos Poderes Públicos em tais questões” parece ter sido acatada, uma vez que se o decreto-lei 3.199, em abril de 1941 instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), afirmava em seu artigo 54 que:

“às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional de Desporto baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Verifica-se que não houve sensibilidade para compreender a entrada das mulheres em campo como uma decorrência da popularização do futebol entre nós. Todas as reações a esse movimento, como se viu, foram no sentido de colocá-la “no seu devido lugar”, banindo-as de dentro dos campos de futebol espaço próprio ao homem. Para as mulheres, o futebol era só na arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fosse guetos na torcida.

A proibição só veio a ser revogada na década de 1980, e com a criação de departamentos de futebol feminino em vários clubes do país, bem como o surgimento de equipes como a do Radar, do Rio de Janeiro. Mesmo assim, as dificuldades culturais de materiais persistiram, fazendo com que a prática ora se expandisse, ora entrasse em refluxo (FARIA JR.1995).

De aproximadamente 13 milhões de atletas profissionais no país do futebol, verifica-se que apenas 3% são mulheres. Apenas esses 3% do futebol feminino praticado no mundo está na Confederação Sul Americana. Das 18 Copas disputadas 9 ficaram na Europa e 9 na América do Sul (5 no Brasil, 3 na Argentina e 1 do Uruguai), sendo que a América do Sul tem a metade do número de países da Europa. Nesses países, a mulheres, ainda não praticam futebol. Nenhum país da Concacaf sequer chegou a uma final de copa do mundo e nesses países mulheres e

homens dividem a prática de futebol como em todos os outros esporte; esta é mais uma das evidências.

No Brasil a maioria dos homens acredita que, meninas podem praticar vôlei, basquete, karatê halterofilismo ou até boxe, mas futebol é coisa para homens. Os pais jamais incentivariam uma menina a jogar futebol, pois ela seria taxada de homossexual. As próprias meninas que, bem como os meninos, tem uma habilidade natural, acabam desistindo por não terem como praticar. Nas competições recentes, como o Pan-Americano do Rio, destacam-se exemplos do grande potencial que nossas jogadoras têm, (SUGIMOTO,2003).

A maioria das mulheres que jogam são obrigadas a sair do país para conseguir ser profissional de futebol. Nos países desenvolvidos como Estados Unidos, Canadá, Dinamarca e até na China as mulheres praticam mais futebol que os homens e de maneira nenhuma são discriminadas como homossexuais. Vale a pena um momento de reflexão de todos nós no Brasil. Imagine quantas alegrias essas jogadoras com sua habilidade natural poderiam oferecer ao Brasil, ou quantos profissionais poderiam participar dos times profissionais femininos? Quantas notícias essas meninas dariam a nossos profissionais de imprensa? Sem falar nos benefícios para a saúde da população feminina com a massificação do esporte. Se o país se orgulha tanto de penta campeonato masculino de futebol porque não se dar às atletas do futebol feminino a mesma possibilidade e oportunidade de conquistarem vários campeonatos também, (ZALUAR,2008).



Figura 6: Foto após o jogo da classificação para semi-final
Fonte: própria autora.

Na figura 6: mostra o grupo de atletas do município de Itamogi-MG-2009

4.1 Percepção do corpo da mulher que joga futebol

O esporte, em especial o futebol, assume importância ímpar no desenvolvimento social e cultural do homem brasileiro. Dessa forma, estudar como as adolescentes do sexo feminino, praticantes de futebol percebem seu corpo, assume, atualmente, papel de destaque, visto o crescente aumento de mulheres envolvidas no esporte, passando pela ênfase dada pela mídia esportiva às equipes femininas de futebol nas Olimpíadas de Atenas. Foi bastante intensa a pressão exercida pelos meios de comunicação sobre a equipe brasileira, já que a equipe masculina não se classificou para os jogos na Grécia. Sendo o futebol uma das atividades esportivas mais apreciadas, as jogadoras brasileiras tiveram que levar adiante a paixão nacional, apesar de serem mulheres e de não terem recebido antes qualquer tipo de reconhecimento oficial ou oficioso no País.

De acordo com Schilder (1999), a imagem corporal é a figuração do corpo formada na nossa mente, ou seja, a forma como se apresenta para nós. O grande nome que inovou na área foi Schilder (1999), com seu livro "A imagem do Corpo" em 1935, onde o autor trata do assunto da imagem corporal de uma maneira que ainda hoje se mantém atualizada. Schilder (1999) e Le Boulch (1987 e 1992) entre outros, unificaram os conceitos de imagem corporal e esquema corporal. Segundo Le Boulch (1987), se trata nesse caso de uma forma de traduzir em duas linguagens

diferentes, uma fisiológica, outra psicológica, uma só e mesma realidade fenomenológica que é aquela "do próprio corpo".

Schilder (1999) p. 07, explicando o que considera imagem corporal, dá uma noção clara da complexidade do assunto e da unidade entre os aspectos ditos "biológicos" e "psicológicos":

Segundo o mesmo autor, além de nossas impressões passadas, fazem parte da imagem corporal nossas relações com o meio externo e conosco mesmos a cada instante, bem como nossos desejos para o futuro. Sendo assim a imagem corporal não se fundamentam apenas em associações, memória e experiências, mas também em intenções, aspirações e tendências. Deste ponto de vista, de acordo com Becker Jr. (1999), imagem corporal pode ser entendida como uma representação interna, mental, ou auto-esquema da aparência física de uma pessoa.

5. METODOLOGIA

5.1 Participantes

A amostra do presente estudo foi composta 20 atletas com idade entre 12 e 35 anos, divididas em 3 equipes de futebol feminino do Município de Itamogi-MG

As equipes são divididas a partir das seguintes categorias: Sub 13 (jogadoras com até 13 anos de idade), sub 17 (jogadoras com até 17 anos de idade) e adulta (livre- sem faixa de idade).

5.2 Instrumento

Para realização do estudo foi utilizado um questionário (anexo-1) constando os seguintes dados: nome completo da atleta, idade, data de nascimento, além de, 9 perguntas, sendo 8 de múltipla escolha e uma questão aberta. Os temas abordados nas questões estavam relacionados com: os motivos que levaram a atleta a praticar o futebol feminino, presença de preconceito, tipo de preconceito, incentivo e consequências corporais da pratica esportiva.

5.3 Local

A pesquisa foi desenvolvida no Município de Itamogi, estado de Minas Gerais, no Poli Esportivo Municipal de Itamogi onde ocorrem os treinamentos.

5.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de acordo com o seguinte procedimento:

Através do questionário realizado com as atletas que fazem parte da equipe de futebol do Município de Itamogi-MG.

Foi explicado às atletas sobre a pesquisa em questão e após a autorização e aceitação de participação, as mesmas responderam ao questionário individualmente.

5.5 Análise dos dados

Os dados do questionário foram preparados e organizados para serem analisados levando em consideração, apenas as respostas descritas em cada questão.

Os dados foram preparados e tabulados, apenas em termo de frequência do comportamento.

6. RESULTADOS

Caracterização da amostra

A amostra teve a participação de vinte atletas que participam do grupo de futebol feminino da prefeitura de Itamogi-MG, divididos em três categorias de idades (sub treze, sub dezessete e categoria adulta). Três atletas tinham doze anos de idade, três atletas treze anos de idade, duas atletas quatorze anos de idade, dois atletas de quinze anos de idade, uma atleta de dezesseis anos de idade, três atletas de dezessete anos de idade, uma atleta de dezenove anos de idade, uma atleta de vinte anos de idade, uma atleta de vinte e três anos de idade, uma atleta de vinte e quatro anos de idade, uma atleta de trinta anos de idade, uma atleta de trinta e cinco anos de idade.

O Gráfico 1 apresenta os resultados do questionário em relação aos motivos que levaram as atletas a praticarem o futebol feminino.

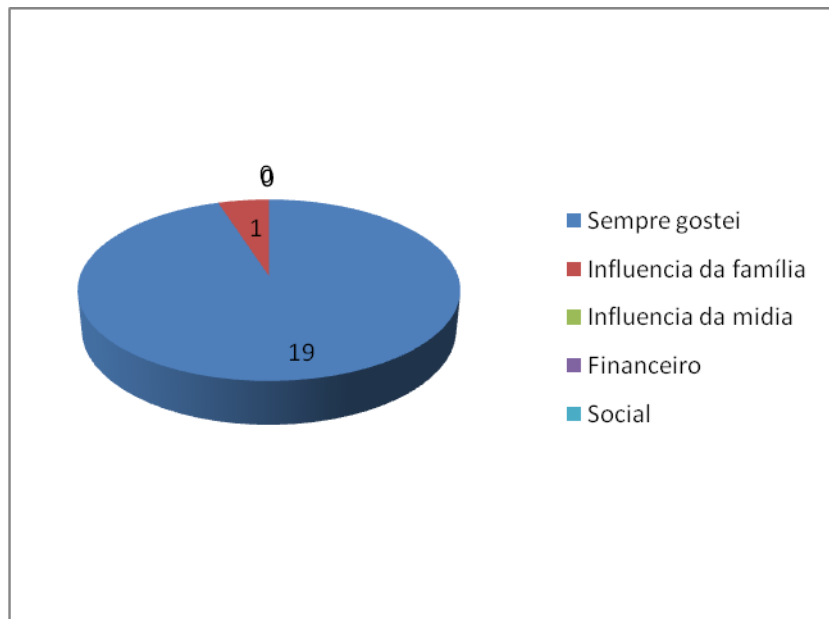


Gráfico 1- Motivos que levaram as atletas a prática esportiva

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Observa-se a partir do Gráfico 1, que das 20 atletas entre 12 a 35 anos de idade da amostra do presente estudo, a maioria (19 atletas) praticam o futebol feminino, pois gostam do mesmo e apenas uma delas, pratica por influência da família.

No Gráfico 2 estão presentes dados sobre apoio ou ausência, do mesmo, da família em relação a prática esportiva.

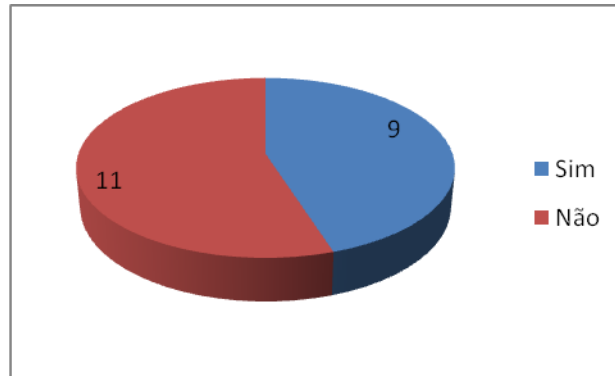


Gráfico 2: Mostra se a família é contra ou a favor à prática do futebol

Fonte: Elaborado pela própria autora.

O resultado apresentado no Gráfico 2, mostra que das 20 atletas, nove atletas contam com o apoio da família e onze 11 atletas não contam com o apoio familiar.

O Gráfico 3 representa dados complementares, sobre o assunto apoio ou ausência do mesmo, da família em relação a prática esportiva,

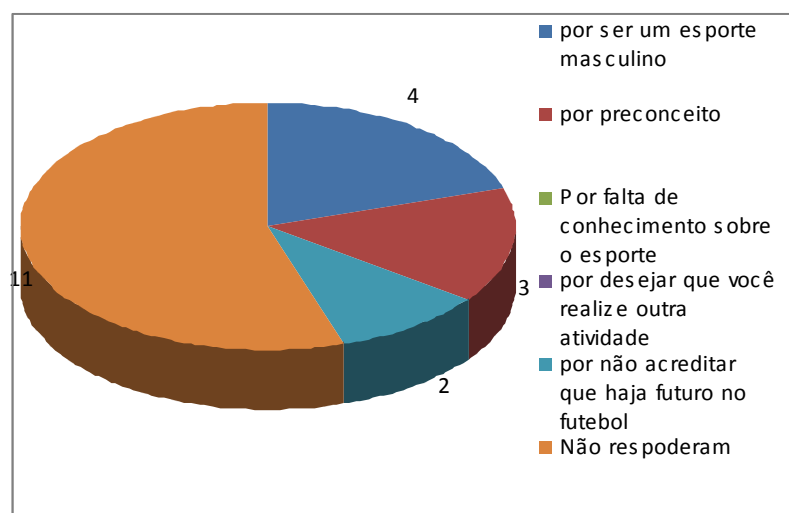


Gráfico 3: O motivo que a família se colocava contra a prática do futebol

Fonte: Elaborado pela própria autora.

O Gráfico 3 representa dados complementares da questão sobre o motivo da falta de apoio da família em relação à prática esportiva. Quatro atletas responderam que não tem o apoio da família por ser um esporte masculino, três por preconceito, dois por não acreditar que haja futuro, e 11 atletas não responderam a questão.

O Gráfico 4 representa o incentivo da família na prática do futebol

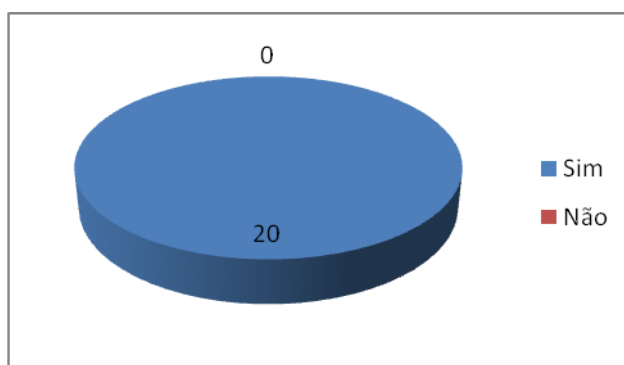


Gráfico 4: Incentivo da família a prática do futebol

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Analisando o gráfico 4 todas as atletas entrevistadas responderam que recebem apoio da família para jogar futebol

Os dados do Gráfico 5, referem-se as pessoa (s) que oferecem apoio com relação a prática do futebol.

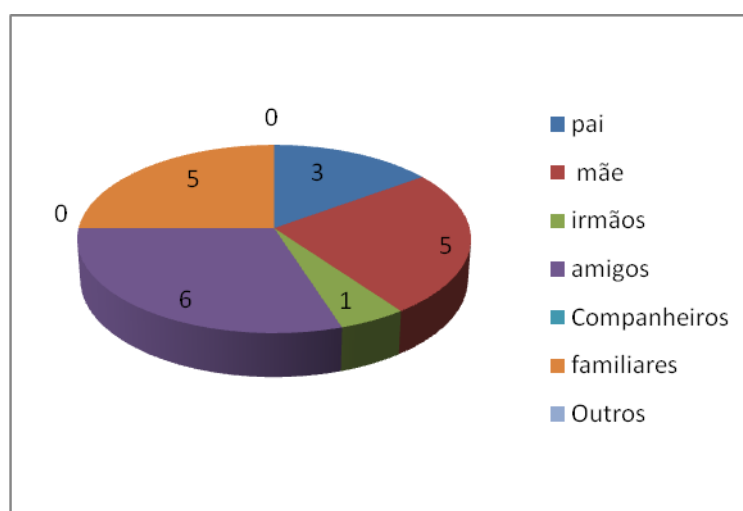


Gráfico 5: Quem as incentiva a praticar o futebol

Fonte: Elaborado pela própria autora.

O Gráfico 5 traz os seguintes resultados: três atletas responderam que o pai apóia a prática esportiva, cinco atletas a mãe; uma atleta o irmão, cinco atletas responderam familiares e seis atletas responderam amigos.

No Gráfico 6 observa-se as atletas já foram vítima de algum tipo de preconceito.

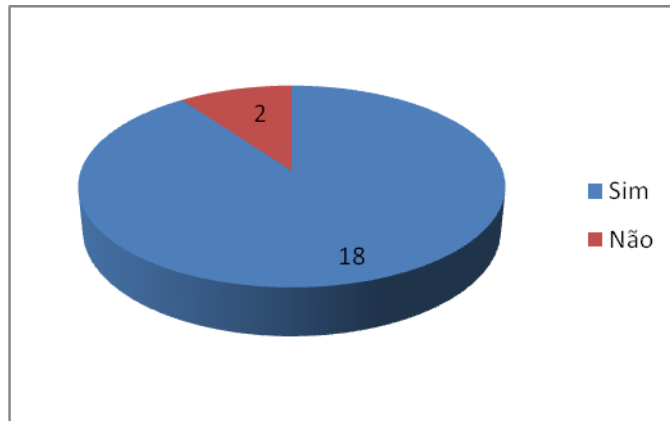


Gráfico 6: Mostra que as atletas já sofreram algum tipo de preconceito

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Diante do gráfico 6, observa-se que as atletas responderam que já sofreram algum tipo de preconceito 18 atletas, sendo que 2 disseram que não sofreram nenhum tipo de preconceito.

O Gráfico 7 refere-se sobre aos tipos de preconceitos que as atletas enfrentam.

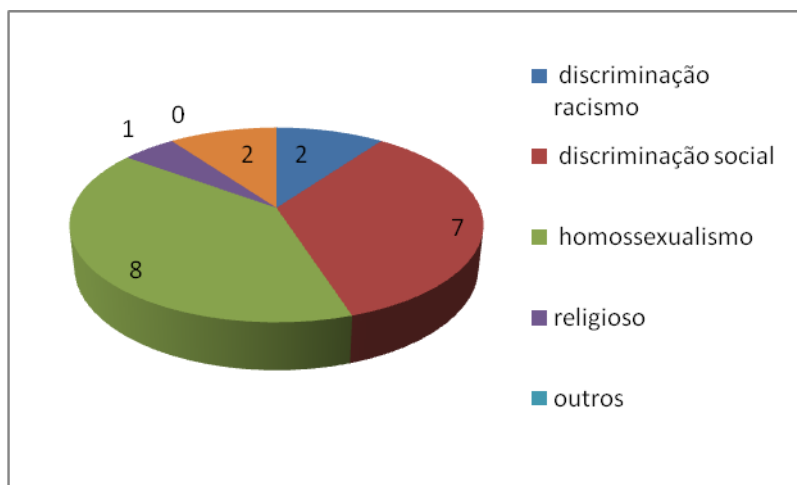


Gráfico 7: Mostra quais os tipos de preconceitos enfrentados pelas atletas

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Pode-se observar que 18 atletas já enfrentaram algum tipo de preconceito e duas atletas não enfrentaram. Os preconceitos enfrentados foram: discriminação racial (2); discriminação social (7); discriminação sexual (8) e discriminação religiosa (1).

O Gráfico 8 faz referência em relação aos traços femininos das atletas

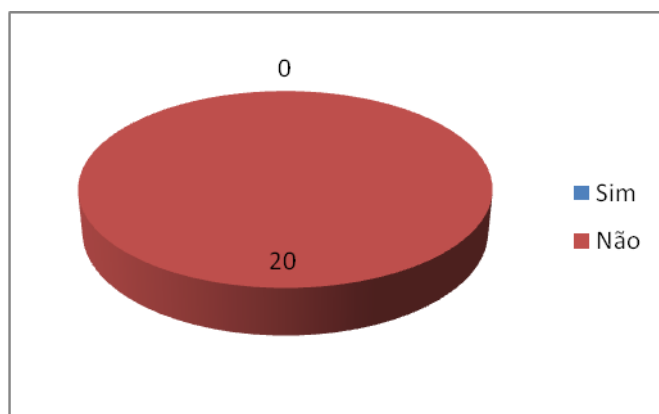


Gráfico 8: As atletas que praticam futebol perdem seus traços feminino

Fonte: Elaborado pela própria autora.

O Gráfico 8 mostra que as jogadoras não perderam seus traços femininos 20 atletas responderam que não perderam os traços femininos.

O Gráfico 9 mostra que houve mudanças físicas no seu corpo das atletas

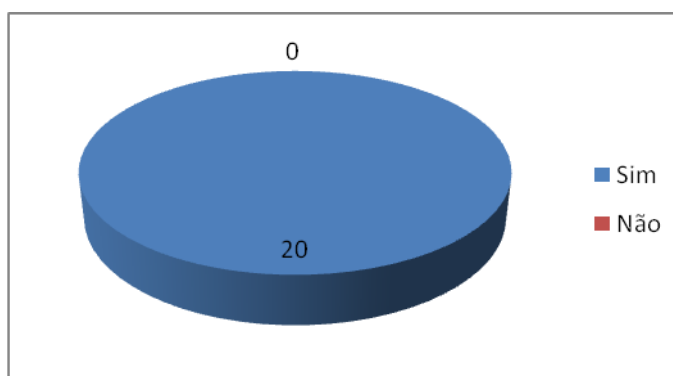


Gráfico 9: Mostra se com a prática do futebol houve mudança no corpo das atletas.

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Pode-se observar no Gráfico 9, que as 20 atletas identificaram mudança física pelo corpo.

O Gráfico 10 apresenta os motivos que levaram as atletas a praticarem o futebol feminino.

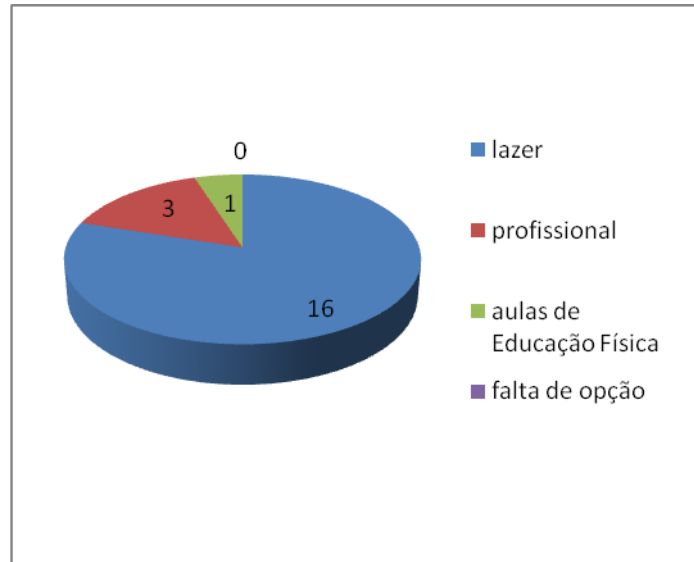


Gráfico 10: Qual o motivo que levou a mulheres a praticar futebol.

Fonte: Elaborado pela própria autora.

No Gráfico 10, observa-se os motivos que levaram as atletas a praticarem o futebol. Nota-se que 16 mulheres atletas disseram que foi por lazer, três por motivo profissional e uma disse na aula de Educação Física.

7. CONCLUSÃO

Com relação à caracterização da amostra do presente estudo verificou-se que das vinte atletas que participam do grupo de futebol feminino da prefeitura de Itamogi-MG, divididos em três categorias de idades (sub treze, sub dezessete e categoria adulta). Três atletas tinham doze anos de idade, três atletas treze anos de idade, dois atletas quatorze anos de idade, dois atletas de quinze anos de idade, um atleta de dezesseis anos de idade, três atletas de dezessete anos de idade, um atleta de dezenove anos de idade, um atleta de vinte anos de idade, um atleta de vinte e três anos de idade, um atleta de vinte e quatro anos de idade, um atleta de trinta anos de idade, um atleta de trinta e cinco anos de idade.

Em relação aos motivos que levaram as atletas a praticar o futebol feminino verificou-se que 19 delas pratica o esporte porque sempre gostou da modalidade sendo que apenas um das atletas relata que foi por influência da família.

Em relação a falta de apoio verificou-se que 9 atletas responderam que a família é contra, por acharem que é um esporte masculino, por preconceito e por não verem futuro na profissão.

Com relação ao incentivo ao futebol feminino, todas as atletas foram incentivadas por alguém a praticar o esporte, sendo especificamente pelos pais (3), mãe (5); irmão (1), familiares (1) e amigos (6).

Mesmo com tantas dificuldades, muitas vezes a própria família não incentiva e reprova a prática e elas precisam lutar dentro e fora do campo para seguir nesse esporte tão valorizado quando se trata de time masculino. Se para o menino ser um jogador de futebol é um sonho, para as meninas é um verdadeiro pesadelo! Elas relatam que precisam de muita coragem e força de vontade para enfrentar todos os obstáculos. (BARRETO, 2008).

A falta de apoio e de visibilidade não corresponde ao desempenho, pois o futebol feminino obteve resultados expressivos em campeonatos internacionais, como a medalha de bronze conquistada na Copa do Mundo (1999), o 3o. lugar no Mundial Sub-20 (2006) e a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio, em 2007 (BARRETO, 2008).

A questão da presença da mulher no futebol está sofrendo avanços." Diante da pergunta sobre como elas acham que os outros as enxergam enquanto jogadoras de futebol, 42,31% das atletas na faixa dos 16 e 21 anos disseram ter apoio da família - a visão predominante. Por outro lado, entre as atletas dos 22 aos 27 anos, 46,67% indicaram o preconceito como visão principal sobre elas. As esportistas mais jovens mostram uma melhor perspectiva em relação à participação feminina no futebol (KNIJNIK e VASCONCELOS, 2003).

Sobre o preconceito, verificou-se que as atletas já haviam sido vítimas de algum tipo de preconceito entre a discriminação racial, discriminação social, homossexualismo e religioso.

Segundo Ardaga Widor, (2007), a jogadora Pretinha da seleção brasileira dizia que a sua mãe a proibia de jogar futebol, a própria mãe diz que seu acesso ao futebol se deu devido à sua semelhança a um menino, segundo Ardaga Widor 2007, uma emissora de televisão o transmitir um jogo de futebol feminino no ano de 2007, fez comentários racistas sobre as jogadoras ao invés de comentar sobre o jogo.

No estudo realizado por Knijnik e Vasconcelos (2003) revelou que 57,14% das jogadoras entre 16 e 21 anos apontaram o preconceito como principal causa de estresse no futebol. Dentre as jogadoras entre 22 e 27 anos, essa mesma causa foi apontada por 50% delas.

Sobre a perda dos traços femininos, as atletas disseram que não notaram alteração em seus corpos.

Segundo o doutor Leite Castro, ao jornal A Gazeta Esportiva (1940), o futebol traria alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras conseqüências de ordens traumáticas, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero) o que não se caracteriza pelo fato de atletas poderem ter filhos.

Atualmente, verifica-se um aumento da participação da mulher dentro do esporte, mas a marca de uma sociedade "sexista" ainda se mantém". Existe dentro do esporte uma 'polícia' do gênero. Ocorre uma forte normatização do comportamento das mulheres, que se verifica, por exemplo, no preconceito com aquelas que aparentam serem homossexuais". O pesquisador coloca ainda a questão do apelo sexual dentro desse controle (KNIJNIK e VASCONCELOS, 2003)

Quando questionadas, sobre mudanças físicas no corpo após a prática do futebol, as 20 atletas responderam que sim, que observaram as mudanças.

Para Shilder (1999), a imagem corporal é a figuração do corpo formada na mente, ou seja, a forma como o corpo se apresenta para o indivíduo. O estudo da imagem corporal envolve várias áreas do conhecimento, como a neurologia, a psicologia, a sociologia, a educação física, a reabilitação e outras. É um assunto complexo, e como tal requer um olhar multidimensional para o ser humano, no qual seus aspectos fisiológicos, afetivos, cognitivos e sociais devem ser considerados de forma integrada

De acordo com Becker Jr. (1999), a imagem corporal pode ser entendida como uma representação interna, mental, ou auto-esquema da aparência física de uma pessoa.

Na análise em relação aos motivos que levaram a praticar o futebol feminino, as atletas do município de Itamogi-MG, responderam que, foi por lazer, profissão e aulas de Educação Física.

De acordo com o estudo realizado com uma amostra de atletas do desporto em questão, pode-se concluir que o preconceito está relacionado tanto ao gênero como ao social. Mesmo tendo no país algumas atletas que se destacam pela habilidade em muitos casos, as atletas do município de Itamogi ainda são alvo de apelidos pejorativos que relacionam-as com apelidos masculinos. Com relação ao preconceito social, nem todas as práticas dos desportos em questão, vêm de uma camada mais elevada. Talvez este venha a ser um dos maiores fatores que as levam a praticar o futebol pois tem o sonho de se tornar uma atleta profissional; e terem o nome reconhecido no cenário esportivo, como as jogadoras “pretinha e marta” da seleção brasileira que já possui um nome de atletas renomeadas no país.

Cabe ressaltar que este estudo foi realizado em um contexto de abrangência pequeno, Município de Itamogi-MG, em que as atletas eram acompanhadas por uma equipe de profissionais. Dessa maneira, deve-se ter cuidado na generalização dos dados da presente pesquisa para outras amostras.

Os resultados deste estudo remetem a questões importantes para investigações futuras, como a importância de estudos com delineamento longitudinal, para acompanhamento sistemático das atletas, a fim de investigar as possíveis seqüelas do preconceito e discriminação que estas estão expostas. Outra questão importante diz respeito às variáveis de interação entre as atletas, seus familiares, amigos, companheiros e contexto que estão inseridas.

Finalizando, sugere-se como desdobramento prático a existência de programas profissionalizantes de futebol feminino e acompanhamento das atletas, a fim de minimizar os efeitos negativos existentes em relação a prática deste esporte e os possíveis preconceitos que possam passar .

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, T. W., FRENKEL-BRUNSWIK, E., LEVINSON, D. & SANFORD, R. N. *The authoritarian personality*. New York: Harper & Row(1950)

ARDAGA WIDOR, Preconceito no futebol feminino. disponível em: futebolpink.blogspot.com/2009_04_01_archive.html

C. Ardaga Widor 28/09/2007 11:36

ALLPORT, G. *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley (1954).

BACCARI,C,B. Discriminação social, racial e de gênero no Brasil. 1991.Disponível em: [http://www.direitonet.com.br/artigos/1991/ Discriminação-social-racial-e-de-gênero-no-Brasil](http://www.direitonet.com.br/artigos/1991/Discriminacao-social-racial-e-de-genero-no-Brasil). Acesso em:26/05/2009.

BANDEIRA, L. E BATISTA,A, S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. Revista Estudos Feministas. P. 119-141,01/2002.

BARRETO, L. A. Futebol Feminino: superando o preconceito. Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/saude/esportes/futebol-feminino:-superando-o-preconceito-3509/artigo/>. Publicado em 2008-04-08 Acesso em 01/12/2009.

BECKER, Jr, B. O corpo e sua inlicação na área emocional.Revista Digital: Lecturas: Educación Física y Desportes. (1999).

BRUHNS, Heloisa T. Futebol. Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas-SP Papyrus, 2000

BULLOUGH, V. L. (1974). Homosexuality and the medical model. *Journal of Homosexuality*, 1, 99-110.

CABRAL, J. A história do futebol feminino. Disponível em: <http://jucabralfut.blogspot.com/2009/07/historia-do-futebol-feminino.html>. Acesso em 01/12/2009.

CAPRARO, A, M. E CHAVES, A,S. O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social. Agosto de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 04/09/2009.

CHIMELO, M, C E STREY, M, N. Percepção de corpo da mulher que joga futebol. Junho de 2005. Disponível em: <http://www.efdesportes.com/efd85/mulher.htm>. Acesso em:13/04/2009

DAOLIO, J. Cultura; Educação Física e Futebol. Editora UNICAMP, Campinas-SP (1997)

DARIDO,S, C. Futebol feminino no Brasil: Do seu início à Prática Pedagógica. Universidade Estadual Paulista,Motriz,Rio Claro,janeiro /dezembro de 2002.

DUTRA,V,M. Livro Renasce Brasil, Cap.5,p.74. 1967.

KNIJNIK, J. D. ; VASCONCELOS, E. . Mulheres na área no país do futebol:perigo de gol. In: Antonio Carlos Simoes. (Org.). Mulher e Esporte - mitos e verdades. 1 ed. Barueri: Manole, 2003, v. , p. 165-175.

FARIA Jr, A.G. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas condições didáticas sob enfoque multicultural. Revista de Campo: Futebol e Cultura Brasileira, 2, (1995)

FISKE, S. & TAYLOR, S. (1991). *Social cognition*. New York: McGraw-Hill.

FERREIRA, A, B, H. Mini-Aurélio século XXI: O mini dicionário da língua portuguesa, coord. ANJOS, Margarida dos e Ferreira, Marina Baird et aut.4ª ed. Ver.e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2000.p.551.

FERNANDES, A. K. “A história do futebol feminino na cidade do Rio de Janeiro”. Trabalho final do Curso de Especialização em Futebol – EEFD/UFRJ(1991)

FRANZINI F. futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v 25, n.50, p.1-13, julho / dezembro de 2005.

FRASER, T. www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm 2000

“Futebol feminino no Rio de Janeiro”. *Educação Física – Revista de Esportes e Saúde*. Rio de Janeiro, n.41, p.65, abril de 1940.

FREUD, S. A letter from Freud. *American Journal of Psychiatry* 107, (April 9, 1935), p.163-169

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (J. Salomão, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 123–250). Rio de Janeiro: Imago, (1905-1972).

Hewstone, M. The ultimate attribution error? A review of the literature on intergroup causal attribution. *European Journal of Social Psychology*, 20, 1990, p.311-335,

Hovland, C. I. & Sears, R. R. Minor studies in aggression VI: Correlation of lynching with economic indices. *Journal of Personality*, 9, 1940, p. 301-310.

HULT, J. S. The story of womens athletics: manipulating a dream. 1890-1985. In: COSTA, M.; GUTHRIES, S. Eds. *Womens and Sport: Interdisciplinary perspectives*. Champaign, Human Kinetics, p 83-106 (1994)

LE BOULCH, J. *Rumo a ciência do movimento humano*, Porto Alegre: Artes Médicas (1987).

LEON. Preconceito no futebol feminino, (p.7). Maio de 2006. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 17/06/2009.

MARTINEZ, M. C. *Análisis psicosocial del prejuicio*. Madrid: Síntesis. (1996)

MARKUS, H. & ZAJONC, R. B. The cognitive perspective in social psychology. Em G. Lindzey & E. Aronson (Orgs.), *The handbook of social psychology*. (Vol. 1, New York: Random House, 1985, p. 137-23

MAZZONI, Th. *História do Futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950, p.289.

WITTER, J. S. *Breve História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996, p.21. É

OLIVEIRA, R, C. O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. Faculdade Brasília de São Paulo, Motriz, Rio Claro, v.12, n.3, p.301-306, setembro / dezembro, 2006.

PIORKOWSKY, L. S. Gênero e raça/ etnia e escolarização. Faculdade de educação- Universidade de São Paulo (2005)

PUPO. Maria Lucia. *No Reino da Desigualdade: teatro infantil em São Paulo nos anos setenta*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1991.

ROKEACH, M. *The open and closed mind*. New York: Basic Books. (1960).

SCHILDER, P. A. *imagem do corpo: as energias construtivas da psiquê*. São Paulo: Martins Fontes. (1999)

DARIDO, S.C; SOUZA JR, O.M. de. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. Motriz, Rio Claro, v.8, n. 1, p. 1-9, abr. **2002**

SUGIMOTO, L. Eva Futebol Clube, Universidade Federal de Campinas / Acessoria de imprensa. Campinas 2003

TASSING, Michael. Mimesis and Alterity. New York and London: Routledge, 1993.

Xamanismo, colonialismo e homem selvagem: um estudo sobre terror e cura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VENTURAT. S.; HIROTA, V. B. FUTEBOL E SALTO ALTO: POR QUE NÃO? Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2007, 6 (3): 155-162.

ZALUAR, L, A. Futebol feminino: preconceito = desperdício. Outubro de 2008. Disponível em: <http://64.4.19.249/att/GetAttachment.aspx?File=714ee353-840f-4cd1-b82d-eafdd>. Acesso em 04/09/2009

ANEXO**QUESTIONÁRIO**

Nome

completo: _____

Código da Participante: _____ Data de nascimento: ___/___/___ Idade: _____

1 - O que te levou a praticar futebol?

() sempre gostei de futebol () influencia da família () influencia da mídia
() financeiro () social

2 - Alguém na sua família é contra você jogar futebol? () Sim () Não Porque?

() por ser um esporte masculino () por preconceito () por falta de conhecimento
sobre o esporte () por desejar que você realize outra atividade
() por não acreditar que haja futuro no futebol

3 - Na sua família você tem incentivos para praticar futebol? () Sim () Não De quem?

() pai () mãe () irmãos () amigos () companheiro () familiares
() outros

4 - Você já foi vítima de algum tipo de preconceito? () Sim () Não Qual ?

() discriminação racial () discriminação social () homossexualismo
() religioso () outros Quais _____

5 - Na sua opinião, as jogadoras de futebol perdem seus traços femininos?

() Sim () Não

7 - Com a prática de futebol você observou mudanças físicas no seu corpo?

() Sim () Não

8 - Qual o motivo de você praticar futebol?

() lazer () profissional () aulas de Educação Física () falta de opção.